NADA VAI ACONTECER COM VOCÊ

SIMONE CAMPOS

Nada vai acontecer com você

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Simone Campos

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Joana Figueiredo

Imagem de capa
Vadim Tissen

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Ana Luiza Couto
Luciane H. Gomide

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campos, Simone
Nada vai acontecer com você / Simone Campos. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

ISBN 978-65-5921-047-3

1. Ficção brasileira 1. Título.

21-58345 CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2021]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Sumário

PARTE I 15
PARTE II 109
PARTE III 171
PARTE IV 179

Agradecimentos 189

Lucinda

O anúncio da melhor banda larga do Brasil no verso da banca de jornais não aparentava qualquer relação com a ruiva de sorriso rasgado e pele leitosa que o ilustrava. Ela sorria mirando o horizonte, com uma etérea blusa branca e a boca de quem ia começar a falar. Lucinda imaginou o clique gerado quase fortuitamente por uma transição de pose durante a sessão de fotos encomendada pela agência, passando de 3/4 de perfil para uma encarada quase frontal à câmera. O fotógrafo teria feito um gesto apontando para onde ela deveria olhar — o infinito —, ela teria obedecido e, *voilà*, a foto perfeita a ser selecionada dentre uma multitude de outras onde mil outras moças em mil outras poses *quase* perfeitas seriam preteridas depois de testes junto ao texto do anúncio.

A atenção de Lucinda foi atraída para o canto da imagem — para *fora* da imagem. Na quina da banca, meio oculta por um poste em posição estratégica, uma jovem muito pálida de cabelo castanho e óculos esfregava o rosto com força. Lucinda perce-

beu então que a jovem não estava sozinha e que esfregava o rosto em protesto contra o beijo no nariz que seu namorado, alto e magro e cor de café, acabava de lhe aplicar. No *nariz*! A insolência! Mas o protesto não pareceu surtir efeito nenhum: o rapaz estava determinado a beijar partes não ortodoxas do rosto dela em público e agora atacava a bochecha — com uma lambida! —, em seguida de novo o nariz.

O que… o que estou vendo?, pensou Lucinda, e acelerou assim que o sinal abriu. Ela não podia se demorar ali; tinha que ir a toda àquele ponto ermo no meio da estrada. E assim, quem sabe, encontrar sua irmã.

Viviana não era a mulher do comercial. A mulher do comercial era branca e ruiva; sua irmã, como ela, era cabocla: cabelo preto e liso, traços de índia, pele acobreada-dourada. O tom dourado ela conseguia tomando sol no play ou no clube; não gostava de praia. Já Lucinda passava o dia todo no escritório e no estúdio, se alimentando de luz de refletor.

Sua irmã aparecia em comerciais, mas não dos que saem em bancas, ou na TV, ou em qualquer mídia mais cara. Já vira sua irmã em um anúncio de ônibus e em um jornal de bairro; frequentemente ilustrando matérias de portais da internet; certa vez, num folheto de dentista ("Seu sorriso, seu cartão de visita!").

A forma despreocupada como Viviana respondia *modelo* a quem perguntava *o que você faz* não deixava ninguém ver qualquer ponta de frustração com o fato de seu rosto ser valioso para ilustrar matérias sobre a vida sexual do casal moderno, alimentação saudável e tendências da moda, mas não para vender banda larga de alcance nacional, como a ruiva da banca de jornais. E nunca, nunca conseguir o papel com fala num comercial. Quanto mais uma passarela.

Mas nem sempre fora assim.

* * *

Viviana (12) e Lucinda (16) faziam francês no mesmo curso de idiomas, à tarde. O inglês do colégio era bom o suficiente, não precisavam de reforço externo. O colégio que frequentavam, particular e venerável, tinha obsessão pela palavra "solidariedade" e promovia constantes eventos, trabalhos em grupo e concursos relacionados ao tema. Algum tempo depois, o lema seria esquecido por completo e trocado por "empreendedorismo", novo ideal para o milênio, a ser almejado por todo aluno que quisesse ir a algum lugar na vida. Antes dessas duas, já tinha havido "meio ambiente".

Era 1998. As pessoas compravam CDs e conheciam a dor específica no sabugo da unha ao arrancar etiquetas antifurto grudadas no interior da embalagem. Também era de conhecimento notório que a pilha do discman sempre acabava antes do CD dentro dele. Quando as irmãs estavam no carro, Viviana tinha que subornar a mãe com bom comportamento para poder escolher a estação de rádio em que invariavelmente tocaria "How Bizarre" ou "Macarena". Sim, as pessoas ouviam rádio não só no carro como também em casa, fossem crianças, adolescentes ou adultas; e ainda havia quem ouvisse todo dia *A Voz do Brasil*, geralmente gente velha. Executivos escutavam notícias sobre economia em tempo real, o status do trânsito na hora do rush e, aos domingos, o jogo de futebol. Os mais pobres escutavam a Imprensa FM se fossem jovens, a 98 se fossem românticos e a Copacabana se fossem evangélicos. Era o jeito de conhecer música, de se informar, de se sentir parte de uma comunidade de pessoas quem nem sempre mandavam no controle remoto da sala ou tinham uma segunda TV em casa. Era importante.

Daquela vez estava tocando Spice Girls, e Viviana cantava junto, baixinho, no banco de trás do carro, segurando simbolicamente seu discman. Lucinda ia na frente com a mãe e falava:

— Eu não vou pro francês maquiada.

— Lucy, você lava o rosto e vai, pronto.

— Mas não sei que gosma vão tacar no meu cabelo, vai ficar estranho… Além do mais, vou ficar esgotada.

Cássia quase sorriu ao repetir:

— "Esgotada"…

Chegaram à rua do estúdio. Cássia começou a fazer sua baliza perfeita. Lucinda estava tensa, o corpo engessado no lugar, mãos tocando a curva do joelho. Cássia, olhando para trás enquanto manobrava, disse:

— Bom, vou pra minha audiência. Vivi vai ficar com você, e quando terminar você me bipa, Lucy. E pede um táxi pra vocês voltarem. Nada de ônibus.

Lucinda assentiu e espremeu os lábios, olhando para a frente:

— Tá bom.

Viviana não esboçou reação. Pediu dinheiro pra comprar um Mupy na padaria em frente, e ganhou.

As irmãs subiram de elevador. No saguão, uma garota loira e linda, provavelmente de agência de talentos, aguardava sua vez já maquiada, sentada num banco. Um garoto pálido e nervoso acabava de sair de lá, sacudindo a camisa social que colava em sua magreza.

Elas se separaram sem uma palavra, Vivi sentando-se no lugar mais próximo à saída e Lucinda sendo recebida pelo produtor.

— Bom dia — ele disse, conferindo a prancheta que tinha nas mãos. — Lu-cin-da, não é? Meu nome é Renato, sou o produtor aqui do Conexão França, tudo bem? Você trouxe a autorização assinada? Ótimo. Pode aguardar, por favor. Logo vão te chamar pelo nome, viu?

Lucinda se sentou, esperou um pouco e foi chamada. Notou que a base que iria usar teve que ser apanhada numa bolsa

no alto de um armário. Todos os outros candidatos deviam ter usado a cor marfim, ainda sobre a mesa. O creme estava frio ao tocar seu rosto, por causa do ar-condicionado, o que foi agradável. Depois da base, a grossa camada de pó escondeu suas marcas de espinha na parte de baixo da bochecha. Desde que começara a passar a pomada com ácido, elas haviam diminuído bastante, mas ainda eram visíveis.

Um pouco antes de sair da salinha de maquiagem, Lucinda entreviu pela fresta da porta a garota loira deixando o estúdio com um sorriso triste.

Tempos depois, o produtor foi até onde Lucinda aguardava e disse:

— Você é a próxima. Pode entrar. Como é seu nome mesmo?

— Lucy.

— Lucy, venha, por favor — disse ele, pondo a mão em suas costas e guiando-a até uma porta pintada de preto. Eles entraram e o produtor pediu que Lucinda se posicionasse dentro do quadrado branco de fita-crepe colado no piso. Renato fazia uma voz macia, tranquilizadora, enquanto Lucy tentava evitar manifestar qualquer sinal de nervosismo.

— Você tem que olhar ali para o teleprompter, onde está o texto, está vendo? Você vai ler direto de lá, e vai parecer que você está olhando para a câmera. O texto está todo em francês, para a nossa professora de francês avaliar sua pronúncia. — Renato apontou para a professora perto da câmera. — Não precisa ter pressa. Leia devagar. A gente vai controlar o *prompter*, para o texto ir subindo no seu ritmo de leitura, à medida que você lê. Você não pode mexer muito o corpo para os lados, mas também não deve ficar totalmente parada. É pra parecer à vontade. Entendeu?

Lucinda tinha entendido. Olhou para a frente, preparou um semissorriso.

— Pronta, Lucy?

Ela assentiu.

Da porta, ele anunciou:

— Gravando!

Enquanto Lucinda lia com inflexão de uma apresentação escolar, o produtor olhou para o banco, através da porta preta deixada aberta, e viu uma menina sentada sozinha. A última. Depois poderia almoçar. Ele foi até ela.

— Você veio pro teste?

A menina levantou os olhos do Mupy que segurava.

— Não. Sou irmã da Lucy. Viviana.

— Quantos anos você tem?

— Treze — mentiu ela.

— Você também faz francês? Não quer fazer o teste?

Viviana continuou olhando para ele, imóvel.

— Faz o teste, sim — disse ele, indicando a porta da maquiadora. — Ali a maquiagem. Você mal precisa. Passa lá e depois vai pro estúdio. Espera, tem uma pessoa lá agora — disse, esticando o pescoço. — Você é a próxima.

Ele estendeu a prancheta para Viviana. O formulário de autorização que Cássia havia assinado para Lucinda estava por cima.

— Enquanto isso, preenche aqui, por favor.

Havia um espaço matreiro depois do nome de Lucinda onde caberia direitinho o nome de Viviana. Ela entendeu e começou a escrever.

— Não tenho identidade.

— Tudo bem. Deixe em branco.

Ele acompanhou o preenchimento com as mãos no bolso, conferiu e depois a levou ele mesmo à maquiagem.

Dali até aquela foto na revista de domingo que tanto circulou pelas salas de aulas e banheiros da escola até ficar amassada

foi um pulo. O editorial de moda para o réveillon trazia Viviana brindando, espumante na mão, com um modelo de olho azul e cabelo loiro repartido ao meio, a franja recaindo pelas laterais numa letra M. Na página de abertura, as espáduas morenas de Viviana eram adornadas por uma frente única, um mero trapo cintilante terminado em V que deixava ver seu umbiguinho perfeito e, de alguma maneira, também o desenho de suas costas. O prateado furta-cor da blusa, quase perfurado pelos seios de seta de Viviana, contrastava bem com sua pele e seu cabelo negro estrategicamente recolhido e dobrado sobre o ombro, assim como sua mão morena de unhas francesinhas pousada no branco da camisa dele, pouco abaixo do primeiro botão desabotoado. O peito do rapaz também era moreno, mas de sol, não natural — e depilado: ele devia nadar, ou ser michê.

PARTE I

1.

Lucinda

Lucinda acorda ao alvorecer, sem despertador. Vê a luz difusa furando as bordas da cortina blecaute, se vira para alcançar o celular e conferir as horas. O sistema dele se atualizou durante a noite, e a previsão do tempo é de trinta e três graus para o dia.

Olha para o outro lado da cama, onde Nelson dorme. Não há a menor possibilidade de conseguir dormir de novo, e, ainda que conseguisse, hoje é dia de acordar cedo, portanto nem valeria a pena. À noite pode dormir mais, o quanto quiser, pois é sexta. Vai para o chuveiro, largando a roupa de dormir pelo caminho.

Às vezes ela acordava chutando o nada, como hoje; sempre na alvorada. A ansiedade deixava suas pernas nervosas. O problema vinha de longa data e diminuíra bastante depois de vários tratamentos, inclusive dentário. Mas de vez em quando ele dava as caras de novo, misteriosamente.

Não vai lavar o cabelo naquele banho, de forma que o prende num coque e o protege com touca. Pega o sabonete e esparrama pelo corpo, pelas axilas, embaixo dos seios, no pescoço, no rosto, e dá um pulo sob a água: é o alarme que toca, alto, em

cima da pia. Estende a mão, esfrega na toalha e a desliza sobre a tela do celular. Daí a dez minutos ele teria tocado de novo, se ela não tivesse aproveitado para desativar toda a sequência de alarmes programados.

Ela se veste, come uma maçã e faz o café. Não vai acordar Nelson de seu invejável sono profundo.

Desce. Dez pras sete. Contempla o trânsito já querendo ficar parado na Jardim Botânico e trota pelo meio dos carros atravessando a rua. Quem a vê pode achar que ela está ávida para passar os próximos cinquenta minutos falando de si mesma para uma profissional credenciada. Mas é só a avidez de quitar o compromisso. De chegar lá e acabar logo com aquilo.

Antes de entrar na sala, olha para o telefone deitado na palma da mão sabendo que é hora de desligá-lo. E o desliga. Senta-se no sofá amarelo de tecido e a psicóloga diz:

— Bonita sua trança.

Segura-se para não responder: "O quê, agora estou mais 'feminina'?". Ou talvez aquele comentário tenha sido uma provocação, para fazê-la reagir justamente daquele jeito. Não conseguia ler aquela moça branca de óculos pretos um pouco mais velha que ela. Pergunta-se de novo por que continua indo lá. A ambientação pensada para ser benévola, a decoração em tons quase pastel, tudo aquilo lhe caía mal.

Mas precisa ficar boa. Precisa tentar.

Começa a falar. Hoje, pelo menos, tem um bom mote.

— Estou sozinha no Rio hoje. Minha mãe e minha irmã estão viajando. Pra lugares diferentes. Minha irmã é modelo, viaja sempre a trabalho. E eu fico cuidando do gato dela e molhando as plantas, porque o apartamento dela fica perto do meu trabalho. Agora, a minha mãe não viaja nunca. É muito centralizadora, muito workaholic. Foi obrigada pelo médico a tirar férias. Foi pro Caribe com duas amigas.

— E o que você acha da viagem da sua mãe?

— Eu acho que todo mundo tem que pensar em si mesmo de vez em quando. No fundo acho que era isso que ela estava tentando fazer, do jeito dela. Mas depois o corpo cobra.

Sempre assim: no começo não tem vontade de falar, aos poucos engrena e envereda num monólogo até o tempo acabar. É o que acontece — mais uma vez. Depois que a porta se fecha às suas costas, Lucinda liga o celular de novo. Desce e volta para casa. Come uma barra de cereal. Pega o carro e enfrenta o engarrafamento até o Humaitá.

Entra no vestiário e começa a enfaixar a mão. Gostava de pensar na psicanálise como um prelúdio à porrada. "Se juntar os dois, é superjungiano", disse uma vez, fazendo Nelson gargalhar. Mas é meio sério. Precisava fazer coisas com o corpo para fazer melhor coisas com a mente, por isso gostava que as duas atividades estivessem próximas. Então suas sextas-feiras eram psicanalista às sete e *muay thai* na sequência.

Mas precisa ser algo tão violento?, pergunta a voz da mãe em sua cabeça. É, precisa. Pelo jeito precisa. Desde criança havia tentado balé, jazz, *street dance*, ginástica olímpica, teatro, até estacar nas aulas de música (teclado, depois violão, depois guitarra e baixo). Lucinda devia ter desconfiado, pelo tanto que gostava das oficinas de judô ou capoeira na colônia de férias. Agora lembra como as outras crianças, menores que ela, tinham medo dela e que esse medo lhe dava medo. Ficava se tolhendo. Hoje em dia, não mais. Agora é todo mundo adulto, ninguém ia chamá-la de brutalhona ou sapatona por fazer o que seu corpo pedia. E, se chamassem, bem, podia moê-los na porrada.

Aquecem com corda e corridinhas, começam as séries com contagem, depois golpes em dupla. A dupla de Lucinda é a outra mulher da aula, Taciana, uma louraça belzebu clássica, in-

clusive pelo fator farmácia. Seu corpo quase mignon é uma massa socada de músculos proteinados. Hoje ela está usando uma bandana com caveirinhas, vermelha. Lucinda não tem medo de bater nela.

Sai da aula pensando que poderia viajar com Nelson. Alugar um chalé ou uma pousada na serra, e ir. Nunca fizeram isso. Tira as luvas, pega a bolsa na saleta ao lado do tatame e desce para o vestiário feminino.

Removendo os paramentos, se vê no espelho, suada e desgrenhada dentro do short bufante e do top. Preto com pink, GG. Lembra o dia em que viu uma luta de MMA de graça porque Viviana foi chamada para ser *ring girl*, ficar segurando as placas que anunciavam os rounds. Ela tinha usado a versão sex shop dos calções masculinos, um short preto, minúsculo, agarrado no corpo, com um cintinho fake, e o top liso sem nenhuma estruturação séria para os seios, como o que Lucinda estava tirando agora. Ainda assim, Viviana dera um jeito de parecer um pouco suada, ou untada, talvez por ordens da organização, e usara uma bela trança embutida que de fato era prática para lutar. Como a que Lucinda está usando agora.

Começa a desfazê-la. Tira da bolsa xampu, condicionador, pente e toalha e entra no box. Lembra quando começou a perceber que a vida não tratava todos da mesma forma. Sua mãe, Cássia, era filha de um dono de cartório maranhense, sobrinha de um grande advogado e prima de alguns juízes espalhados pelo território nacional. Uma princesa do direito brasileiro. Ela sempre fora "a menina dos Bocayuva" em meio a tantos primos homens, e ninguém estranhou quando ela também resolveu entrar naquela carreira, ainda que estranhassem quando realmente resolveu exercê-la — sem nem tentar um concurso público antes?

A mãe de Cássia tinha morrido cedo, e, mesmo que ela tivesse estudado num dos melhores colégios para meninas da sociedade carioca, que aceitara a pequena cabocla por virtude das carteiradas de seu pai, Cássia considerava falha a criação que recebera dele e das babás, e queria que suas filhas tivessem tudo o que ela não tivera em matéria de feminilidade. Furou as orelhas das duas ainda bebês, levava Viviana e Lucinda a shoppings, depiladoras e salões de beleza — só os melhores e mais caros, que elogiavam o cabelo e a pele delas antes de atacá-los com químicas e de novo antes de mostrar a conta. Também praias, cinema açucarado, cursos de música e de idiomas, nada de esportes com bola sem ser voleibol. O método consagrado de se tornar mulher, pelo menos no Rio de Janeiro da época.

Um dia, Lucinda, com catorze anos, chegou em casa com um piercing na sobrancelha. A reação de Cássia foi muito diferente do que a menina esperava: em vez de gritar ou criticar, fez cara de fastio. Sua expressão dizia: *Tão inteligente… pena que não entendeu nada*. E aí Lucinda entendeu tudo.

Antes Lucinda achava que o plano da mãe era as filhas galgarem a escada da ascensão social como ela mesma não tinha conseguido — se tornando as mais lindas, populares e descoladas de todas, até por fim encoleirarem os partidos mais cobiçados de todos, e produzirem netos. A feminilidade seria competitiva, inclusive entre irmãs. E Lucinda abominava isso, com sua integridade *girl power* anos 90 e o sobrepeso que veladamente a tirava daquele jogo. Só que aquele jogo nunca tinha sido para nenhuma delas. As três Bocayuva tinham rosto caboclo, pele de um acobreado-escuro, cabelo liso feito cortinas para o rosto. Lucinda era a única a ter herdado certa ondulação do pai, e vivia se submetendo a hidratações e relaxamentos para coibi-la. O jogo das duas irmãs era tentar parecer normal, ou seja, brancas, como quase todo mundo na escola. E, bem, colocar piercing não aju-

dava. Mesmo sendo só um pontinho prateado, não era a mesma coisa que as seis argolinhas na orelha da colega loira, com mais uma de lambuja no nariz. Se você for a Barbie, aí, sim, pode ser o que quiser.

Lucinda sai do chuveiro e, nua, se abaixa para pegar seu celular no bolso de fora da mochila. Fica olhando sem entender. É uma foto. Uma foto que alguém tinha tirado do próprio pau, duro, com o celular dela, enquanto ela estava na aula. Uma extensão de pele bege-amarelada se afunilando para a esquerda e um pé de sapato social marrom lá embaixo, sobre o ladrilho branco-sujo da salinha onde todos deixavam suas coisas. Lucinda tinha sido a primeira a chegar, depois do professor.

Tenta reconhecer o sapato. Quem estava de sapato social hoje? Funcionário da academia não era. Algum colega de turma, talvez. Repassa na cabeça aqueles homens desinteressantes com quem se porrava duas ou três vezes por semana. Analisa as regiões amareladas e escurecidas ao longo do corpo do pênis, que sugerem um dono com uma base de pele um pouco amarelada. Pedro é branco róseo, Dênis é negro retinto, Rafael puxado para o café, feito ela. Estão eliminados. De pele meio amarelada tem o tal advogado chato, o… como é o nome dele mesmo? Régis. Podia ser ele o exibido, exceto que ele sempre usa calça escura, e na foto se vê uma barra de calça creme sobre o sapato marrom. Calça creme e sapato marrom parece roupa de administrador de empresas, de funcionário público. Enquanto Lucinda veste a legging sentada na tampa do vaso sanitário, lista nomes e rostos na cabeça: Bruno. Telmo. Cristiano. Maurício.

O saco não aparece na foto, pensa Lucinda, alçando devagar os braços para enfiar o sutiã e baixando rápido um deles para tocar na tela e mantê-la acesa. Se as bolas estivessem na foto, seu caimento e rugosidade poderiam denunciar a idade do perpetrador, e nesse caso ela acusaria Cristiano, o único membro da tur-

ma que beirava os sessenta. Mas a verdade é que dos suspeitos restantes ele é o menos provável, porque dificilmente conheceria o truque de destravar um celular só arrastando o ícone da câmera para cima e, além disso, não conseguiria ficar de pau duro assim, na pressão, por demanda. Ela se sente um pouco mal por pensar essa cadeia de pensamentos atrozes sobre os colegas. Mas é isso, né? Exibicionismo. Um crime em que o culpado quer ser descoberto. E admirado… por sua virilidade, engenho e *coragem*. Ha! Tá bom. Pior que — Lucinda se dá conta — está fazendo exatamente o que ele quer: tentando descobrir quem é. Para talvez ir atrás dele.

Assim que pensa isso, ela entende quem é: Bruno. O seu vizinho. Claro. Todas aquelas latas de *whey* que ele tirava do porta-malas em frente ao prédio onde moram… o culto ao corpo — Bruno praticava mais de uma arte marcial —, a indignação que ele devia sentir por sua vizinha gorda não parecer desejá-lo, nem mesmo quando o chutava e jogava no chão. Ela só não sabia o que estava perdendo… claro. Lucinda se sente um pouco decepcionada consigo mesma, agastada por não ter pensado nele de cara.

Lucinda visualiza o porta-malas, o *whey*, e também uma mulher, loira, dando a volta no carro preto — se namorada ou esposa, torrada de praia ou branquinha de escritório, não sabe nem quer saber. O carro era dela, o *whey* era dele e o pinto também. Lucinda pode ter um pouco daquilo também, se quiser. A imagem da degradação estava completa.

De tão distraída com o pinto-surpresa, ela quase perde a hora. Chega no estúdio esbaforida, já ajudando o estagiário a ajustar o rebatedor, revendo pendências de seu checklist, apressando o convidado pelo corredor. Como todos os programas que gravam, esse é educacional: uma entrevista com desenvolvedores de softwares sobre o papel da escola e da faculdade no traba-

lho deles (e, sem nenhuma surpresa, foi dificílimo arranjar aquelas pessoas). Quando por fim é liberada para o almoço, se dá conta de que havia seis ligações perdidas em seu celular. Número desconhecido de São Paulo. Certamente telemarketing. Checa algumas notificações, curte alguns posts nas redes sociais e enfia o aparelho de volta no bolso.

O relógio de parede da copa informa: está almoçando às onze da manhã, ainda mais cedo do que de costume. O serviço público tem lá suas vantagens, pensa ela: embora os blocos de tempo variem, a rotina é mais ou menos a mesma, e o horário de almoço tem de fato uma hora. É importante mastigar devagar, não apenas engolir a comida; isso é que mata. Abre uma salada pronta de copo enquanto a parte quente da refeição roda no micro-ondas. Era freguesa da salada de dez reais de um certo mercado saudável — melhor seria dizer "dependente" —, porque fora o único jeito de se reeducar para comer direito, dada sua vida corrida.

"Salada maluca", dizia a etiqueta. Lucinda espalha metade do molho sobre a camada folhosa de cima e mergulha o garfo lá dentro para puxar do fundo a parte mais interessante: frango desfiado, palmito e ervilhas. Despeja a outra metade do molho, mistura mais um pouco e começa a comer. Repara que sua companheira de copa, Diane, come de um pote plástico quadrado algum tipo de comida saudável e fria com quiabo, grão-de-bico em pasta e berinjela. Diane não gosta de comida quente. Assim que termina, a colega pede licença e vai fumar junto do basculante, enquanto Lucinda, depois de terminar a salada, começa a cortar seu triste canelone de frango e a inserir os pedaços na boca.

— Vai na festa da Marlene, Cindy? — pergunta Diane.

— Não, eu não contribuí — responde Lucinda.

— O pessoal do terceiro andar é tranquilo.

Lucinda lança um olhar enviesado a Diane e para de comer.

— Comigo eles não são tranquilos, não, Di.

— Ah, é aquela parada do *dress code*?

— Eles te apelidaram de Frozen e eu de Moana.

— Isso foi a Sílvia, até nome de cobra ela tinha. O resto do pessoal é legal. Fugir não é solução.

— É, mas eu tô de saco cheio.

— Vai comigo — diz Diane, baforando. — Se eles te chatearem eu arranco a cabeça deles.

Lucinda dá uma risadinha.

— Vou pensar.

Enquanto lava seus talheres, Lucinda fica pensando naquele seu apelido infame no trabalho. Assim que o filme da Disney foi lançado, tinham dado um jeito de apelidá-la de Moana — para combinar com Diana, sua amiga loira, a Frozen —, e de que ela ficasse sabendo disso. A personagem era fofa, o apelido não. Com ele seus colegas queriam dizer: *Estamos vendo sua diferença, querida*. E também havia uma pitada de volúpia em transformar um personagem infantil em um não elogio de fundo sexual. Mais ou menos como tinha sido com Viviana na escola, apelidada de *Tainá* na época do filme. Lucinda nunca tinha recebido um apelido desses antes, só os descaradamente maldosos mesmo. Teve que esperar até que personagens infantis corpulentos com pontas de cabelo onduladas começassem a se tornar imagináveis na cultura pop para ser contemplada. E mesmo agora, não ficou feliz com isso.

Lucinda termina de comer e volta ao trabalho. Agora, trabalho de escritório, na frente do computador. Ao sentar, sente o tremor do celular indicando a chegada de uma mensagem. Do mesmo número de São Paulo. Telemarketing não mandava mensagem de áudio, pelo menos até onde ela sabia. Achando estranho, aperta o play.

— Lucinda? Tudo bem? Aqui é Graziane, uma amiga da sua irmã aqui de São Paulo. Desculpa ter te ligado tanto, mas é que estou preocupada. A Viviana e eu tínhamos marcado de encontrar hoje, e ela não apareceu. Você sabe se está tudo bem com ela, se ela acabou voltando pro Rio?

Lucinda escuta a mensagem de novo. A moça tem sotaque paranaense. Imagina uma loira longilínea, leste-europeia. Modelo também. E com um nome desses deve ser do interior. Chega outra mensagem.

— Ela não está respondendo as minhas mensagens nem visualizando desde ontem à noite. Estou preocupada. Me diz se conseguir falar com ela?

Será que é um golpe? Algum golpe novo? Lucinda decide telefonar logo para a irmã.

Ela não atende. O coração de Lucinda se acelera.

Manda mensagens de texto. Liga para o telefone fixo de Viviana até ele parar de tocar. Telefona para o celular da irmã nove vezes e em todas dá fora de área. Enquanto deixa um recado de voz na caixa postal de Vivi, sai de fininho rumo ao banheiro de cadeirantes do terceiro andar, puxando o ar em grandes sorvos e expulsando-os logo em seguida. Topa com Diane na escada de serviço, fumando. Ela joga o cigarro no chão e pisa, segurando seu ombro.

— Nossa, você tá verde — comenta Diane, tocando o braço de Lucinda.

A mão dela está quente e seca como uma lixa. Lucinda continua a descer, cuspindo um "tô enjoada", vara a porta corta-fogo do andar de baixo e se tranca no banheiro, cerrando os olhos. Ali ninguém vai procurá-la. Faz um tempo que ela não tem um ataque desses, pensa, tocando o esterno para se acalmar — nossa, anos? Mas este não está sendo como os anteriores, sem motivo; o motivo está bem claro. Ela abre a bolsa e vasculha em busca

de qualquer coisa que possa ajudá-la, medicação, agenda, caderninho. Enquanto os objetos vão caindo pelo chão um a um, a palavra PRESSENTIMENTO surge escrita em balões prateados em sua cabeça, como se seu cérebro precisasse soletrar a coisa para ela se tornar real. Pressentimentos não são reais, pensa, mas o que é? O que *foi*?

É que Lucinda está certa de que Vivi desapareceu, de que desapareceu *mesmo*, de que a falta de contato não é um acaso qualquer. Ela tinha viajado na segunda para voltar sexta à tarde; nesses quatro dias de ausência da irmã, Lucinda precisava ir ao apartamento dela apenas duas vezes, é o que haviam combinado. Ontem, depois de alimentar o gato e ir para casa dormir, nem falou mais com a irmã, nem pra desejar boa viagem. Josefel e as plantas de Vivi não precisam de outra visita ainda; aguentam até quarenta e oito horas sem supervisão. Mas hoje nenhuma mensagem visualizada, nenhuma ligação atendida, e nada de Viviana em casa ou recado avisando da demora? Tem algo de errado. Aconteceu alguma coisa com ela.

"Alguma coisa." Viviana morta, é claro. Numa vala.

E ela, a irmã mais velha, lesada, sempre correndo, sempre maldormida, agora precisa se acalmar, pensar. Para onde Viviana tinha viajado mesmo? Nem isso ela sabe. Não se preocupou em perguntar, afinal as viagens da irmã eram tão frequentes. Acha que Vivi pode ter ido modelar no Sul, talvez em Curitiba, cidade onde a agência costumava lhe conseguir mais trabalhos. Só que Graziane havia telefonado de São Paulo, elas iriam se encontrar lá. Uma amiga de quem Lucinda nunca tinha ouvido falar.

Continua ligando freneticamente para Viviana, conferindo se ao lado das mensagens enviadas aparecem os dois tiques cinza de entregues ou azul de visualizadas. E não aparecem. Por mais que olhe e olhe de novo. Sua irmã nunca se separava do celular. Se tivesse sido furtada, arranjaria um novo em dois tempos.

Entra nas redes sociais de Viviana. Nenhuma postagem recente. Viviana tem um Instagram-portfólio cheio de aparições publicitárias, fotos tiradas em intervalos de gravações, *making ofs* de filmes, comerciais e séries em que fizera pontas, e poses em que aparece de camiseta branca, intercaladas com fotos de biquíni. Lucinda não gosta daquela conta, e agora, olhando melhor, percebe o porquê: era a mistura de particular com público destinada a criar uma falsa intimidade. E a vida particular era montagem: olha ela sorrindo e tomando açaí, a garota carioca perfeita, dona do sol e da areia, usando um biquíni amarelo da pré-coleção de verão de uma grife praieira. Mechas californianas nos cabelos pretos. Pernas intermináveis. Ninguém diria que Vivi na verdade não gostava de praia. Ou de sorrir. Lucinda olha de relance o número alto de seguidores, que nem sabia se tinham sido comprados. Última postagem: dois dias atrás, de vestido longo, num estúdio de fundo infinito branco, sem localização.

Telefona para a portaria do apartamento de Vivi em São Paulo e conversa com um porteiro chamado Sérgio, que diz que a última vez que ela esteve ali foi na tarde do dia anterior. Telefona para a tal amiga paulista.

— Oi, Graziane, aqui é Lucinda, irmã da Viviana. Infelizmente ainda não tive notícias dela. O que vocês tinham combinado de fazer hoje?

— Um brunch.

— Quando você falou com ela pela última vez?

— Ontem à tarde. Pra combinar o brunch.

— Vocês se conhecem de onde?

— Também sou modelo.

— Tá. — Lucinda se dá por satisfeita. — Desculpa o interrogatório, viu. Estou nervosa porque também não estou conseguindo falar com ela. — Verdade, está mesmo, mas perguntou mais para saber com quem estava tratando. — Você não faz ideia de para onde ela pode ter ido?

— Não, não faço ideia.

Ela está mentindo? Ou escondendo alguma coisa? Lucinda resolve insistir.

— Nenhuma ideia mesmo? Pensa um pouco.

— Ela mencionou que tinha um trabalho em vista, sim, mas, olha, era por fora. Melhor você nem perguntar na agência.

— Ela não falou o que era?

— Não falou.

— Tá bom. Acho que vou falar com a polícia daqui. Você pode tentar descobrir alguma coisa aí, ligar pros hospitais…? Eu vou telefonar pra alguns hospitais daqui também. Me mantém informada?

— Claro.

Lucinda se despede com um "fica tranquila, a gente vai encontrar a Vivi" absolutamente insincero. Sente a cabeça rodar. Viviana desaparecida. Sua irmã idiota alertada por uma estranha. Viviana podia ter sofrido um acidente, estar num hospital paulistano relapso. Ou alguém podia ter feito mal a ela. Algum louco, algum apaixonado, alguma colega ciumenta. Quem sabe até Graziane.

Lucinda olha para a foto dela no aplicativo de mensagens, redonda e pequenina, em plano americano, a natureza como fundo. De fato, loira e longilínea e europeia do Leste. Uma ninfa. Não consegue imaginar uma mulher daquelas como perigosa, exceto num *film noir*. Talvez fosse esse o charme.

Começa a ligar para hospitais dando o nome e a descrição física de Viviana. Acaba telefonando para alguns hospitais paulistanos também. Depois para postos do IML, centrais e periféricos. Ninguém sabia de Viviana. "Ela é modelo, magra, alta, um metro e oitenta e cinco. Pele escura, cara de índia." Fácil de identificar que não, ninguém com essa descrição tinha dado entrada nesses locais desde ontem à noite. Nem mesmo no necrotério.

Sua irmã não estava em lugar nenhum.

Digita o nome da mãe no celular e liga para ela. Cai direto na caixa postal. Claro, ela estava no meio de suas merecidas férias.

Desde que se entendia por gente, Cássia estava sempre ocupada. Depois da separação, tinha decidido abrir um escritório próprio, abandonando enfim a firma do velho amigo de seu pai, que se recusava a torná-la sócia, mesmo não tendo herdeiros no ramo ou alguém mais dedicado do que ela trabalhando com ele. A Bocayuva & Associados quis se estabelecer na área do direito tributário, mas foi na vara de família, com o boom dos divórcios, dos litígios pela guarda de filhos, que o escritório de Cássia foi propelido ao tipo de fama discreta que tantos advogados almejam. Suas ex-colegas de escolas de elite estavam se divorciando e a procuravam.

Por sua longa atuação como advogada tributarista, Cássia sabia todos os truques para esconder dinheiro no exterior; ao mesmo tempo, por ser mulher e estar começando seu próprio negócio, ninguém dava nada por ela. Não sabiam do que ela era capaz. Assinou muitos acordos extrajudiciais com futuros ex-maridos simplesmente ameaçando denunciar suas descobertas à Receita Federal. Esses sucessos a estimularam a expandir sua atuação, e ela foi contratando jovens e veteranos de talento até constituir um escritório robusto e respeitado. Nada a decepcionou mais do que nenhuma das filhas querer cursar direito e dar seguimento ao seu caminho vitorioso.

Lucinda não deixa recado na caixa postal da mãe porque sabe que ela não ouve. A data de nascimento de Cássia a situava entre uma *baby boomer* tardia e uma integrante precoce da geração X. Era do tipo centralizador, adorava um celular, mas ao mesmo tempo aquela tecnologia nova e rápida a exauria. Lidando com todo tipo de gente e assuntos por meio daquela maquineta multifacetada, Cássia evitava chamadas, desprezava a caixa

postal, ignorava e-mails, levava dias para visualizar mensagens (quando visualizava), e seu secretário filtrava muito bem o que ia para o fixo do escritório, dando-lhe apenas os recados mais importantes. A essa altura Lucinda e Viviana já eram crescidinhas, resolvidas e bem de saúde, de forma que Cássia não pensava que precisaria atendê-las com urgência. A saúde dela mesma, no entanto, começava a reclamar do ritmo acelerado, e, depois do último check-up, o médico tinha lhe receitado umas boas férias.

Lucinda tenta a mãe de novo. No que ouve a voz mecânica dizendo "fora de área", pensa se vai arriscar deixar recado. Mas dizendo o quê? *Oi, mãe, tudo bem? A Viviana sumiu desde ontem, segundo uma conhecida dela de quem nunca ouvi falar, e desde a hora do almoço de hoje, segundo eu mesma. Ainda não tentei descobrir onde ela esteve nesses dias nem procurei a polícia, mas já liguei para todos os hospitais e necrotérios daqui, e nada. Ou seja, a gente já sabe que ela deve ter sido desovada em algum rio poluído.*

Lucinda prevê que a reação de Cássia flutuaria entre dois polos não mutuamente excludentes: diligência frenética e crítica à sua negligência enquanto irmã mais velha. Lucinda precisava tomar alguma atitude, de preferência várias, que demonstrasse seu empenho e presença de espírito; tinha que, no mínimo, descobrir o último paradeiro da irmã, coletar possíveis pistas de seu desaparecimento, tratar com a polícia. E precisava fazer isso antes que Cássia ouvisse sua mensagem e respondesse. Ter uma performance mínima de irmã mais velha. Aí estaria pronta para falar com a mãe. Ainda assim, quando fosse falar, sabia que enfrentaria uma fúria incondicional, descabida, como se ela mesma tivesse levado a caçula pela mão para dentro de uma mata e a largado lá, sem nem uma migalha de pão pra remédio.

Assim, Lucinda opta por deixar um recado lacônico na caixa postal da mãe e uma mensagem de texto em todos os aplica-

tivos de chat: “Oi, mãe, não estou conseguindo falar com a Viviana, estou atrás dela, me liga assim que puder”. Inspira fundo e instila os próprios genes a expressarem a melhor Cássia que lhes for possível. Em algum lugar deles deve haver uma.